Pastoral Litúrgica

Primeiramente, talvez seja bom ter em mente dois tipos de equipe litúrgica. Um tipo é a que poderíamos chamar de "equipe de pastoral litúrgica", e o outro tipo é a "equipe de celebração litúrgica" propriamente dita. A "equipe de pastoral litúrgica" é um grupo formado especificamente para promover, organizar, dinamizar e programar a vida litúrgica como um todo numa comunidade, paróquia, ou diocese...

Seus membros, todos ou em parte, nem precisam eventualmente fazer parte da equipe de uma determinada celebração. A "equipe de celebração" é o grupo de pessoas que, no exercício do seu ministério específico (presidência, leitores, comentaristas ou animadores, cantores e instrumentistas, sacristãos, equipe de acolhimento, ministros extraordinários da comunhão eucarística, ministros do batismo, testemunhas qualificadas da celebração do matrimônio, dirigentes da celebração dominical da Palavra, ministros de bênção, dirigentes da via-sacra e da novena de Natal, etc.) atuam, unidas entre si, numa determinada celebração (missa, celebração da Palavra, etc.). Há comunidades em que se elege um ou mais membros das equipes de celebração para fazer parte da "equipe de pastoral litúrgica".



Como formar uma equipe de Pastoral Litúrgica?

Claro, a coisa começa pela escolha dos membros. E como isso acontece? Eventualmente, mediante um pequeno curso ou semana de liturgia, ou uma série de encontros de formação a um grupo de pessoas desembaraçadas e empenhadas, entusiasmando-as e dando-lhes conhecimentos básicos de liturgia, para depois engajá-las, pouco a pouco, na prática. Mas há também situações em que tudo começa de maneira mais simples, dando a certas pessoas alguma responsabilidade (o acolhimento na celebração, uma leitura...) e, assim, elas vão se entrosando com a equipe, vencendo a própria inibição e recebendo formação na prática.

Bom seria que os membros da equipe fossem escolhidos pela comunidade, por um tempo determinado. Depois, aos poucos, providencie-se a troca ou o rodízio. Certos ministérios, que exigem maior preparo ou um jeito especial (leitor/a, cantor/a, instrumentista, animador/a), normalmente ficam confiados à mesma pessoa por mais tempo. Mas estes líderes naturais devem ter a sensibilidade e o dever de preparar outros para substituí-los ou para assumir o mesmo serviço em outro setor.

Formar para quê?

O Concílio Vaticano II prescreve que os ajudantes, leitores, comentadores e cantores "sejam cuidadosamente imbuídos do espírito litúrgico e preparados para executar as suas partes, perfeita e ordenadamente" (SC n. 29). No fundo, refere-se às equipes litúrgicas. Mas como chegar a isso?

Há que se levar em conta, no mínimo, os seguintes aspectos da formação:

1) É preciso uma boa formação prática para o exercício de cada função. Por exemplo: "quem faz a leitura deve saber onde encontrar o texto no lecionário, como usar o microfone etc.; o sacristão ou a sacristã devem saber usar o 'Diretório Litúrgico' para preparar o missal, os paramentos, etc; os cantores devem saber que canto combina com cada uma das partes da celebração e com cada tempo ou festa litúrgica; os dirigentes da celebração dominical da Palavra devem saber que tipo de roteiro podem criar; o ministro

extraordinário da comunhão eucarística deve saber como orientar as famílias dos doentes, que textos usar, como dar e guardar a Eucaristia, etc." (Buyst, 2000, p. 60). Para tanto, é bom conhecer os livros litúrgicos e sua introdução geral.

2) Mas não basta só a preparação prática. Pede-se também um aprofundamento do sentido e do mistério da liturgia. Por exemplo: "que é liturgia, afinal? O que celebramos na liturgia? Quem celebra? De que maneira Cristo está presente na liturgia? Qual o sentido da liturgia da Palavra? da Eucaristia? do batismo? do casamento? da comunhão aos doentes? da celebração dominical da Palavra? da dedicação de uma igreja? Que relação há entre a liturgia oficial da oficial da Igreja e as práticas religiosas populares? Como ligar liturgia e vida pessoal e social?" (ibid.).

3) E mais, a equipe deve alargar ainda mais seus horizontes. Deverá ter oportunidade de um aprofundamento bíblico e mesmo teológico. Precisa aprender a acompanhar com interesse a caminhada da Igreja, no Brasil e no mundo, bem como os acontecimentos sociais, políticos, culturais etc.

4) Enfim, toda essa formação tem que estar profundamente imbuída de espiritualidade, de devoção, de mística. Por que muitas de nossas celebrações não satisfazem? Porque são realizadas de maneira mecânica, fria, formal. "Falta o fogo e o dinamismo do Espírito Santo. Dizem-se orações e preces, porém parecem não se dirigir ao Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo. Fazem-se leituras, porém nem sempre com o 'peso' que deveria ter a palavra de Deus em nossa vida. Comungamos, mas muitas vezes sem a devida consciência daquilo que está acontecendo. Por isto sentimos um vazio, mesmo na missa, que deveria ser o ponto alto da expressão ritual de nossa fé". (ibid.).

Por isso, para as equipes fica o desafio:

- mergulhar no mistério da liturgia (participação na vida de Deus) e aprofundar progressivamente a vida de comunhão com o Pai, por Cristo, no Espírito Santo. Afinal, "esta é a base de nossa fé, de nossa liturgia, de nossa ação como cristãos. Onde falta esta base, será muito difícil conseguir uma liturgia orante". A equipe deverá "aprofundar o sentido da liturgia e aprender a se expressar comunitariamente em preces, cantos, silêncios, gestos simbólicos... diante de Deus. Pois, de seu

exemplo e de sua maneira de participar, a assembléia toda aproveitará" (ibid., p. 60-61).

E de que maneira formar?

Há muitas maneiras. Pode-se organizar dias de estudo, palestras, encontros, treinamentos, cursos intensivos... Adquirir revistas, apostilas, livros... que passem de mão em mão e estejam disponíveis numa biblioteca para uso comunitário. A CNBB disponibiliza atualmente no seu site (www.cnbb.org.br) uma "formação litúrgica em mutirão" e muitas equipes e comunidades estão tirando ótimo proveito deste excelente subsídio. Uma coisa é importante. A formação deve ser permanente, até o fim da vida. Pensando bem, nunca estamos totalmente "formados" em liturgia.

E mais: "a melhor maneira de aprender é quando a reflexão acompanha a ação e vice-versa. Portanto, os problemas encontrados na prática é que deverão ditar os assuntos de nosso estudo ou aprofundamento. E este, por sua vez, deverá nos levar de volta à prática. Devemos estudar, refletir, aprender para transformar a nossa prática, seja a prática de nossa ação litúrgica, seja a nossa prática de vida cristã..." (ibid, p. 62).

Por Frei José Ariovaldo da Silva, ofm

